

## Paternidade e função paterna<sup>1</sup>

Decio Tenenbaum<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Publicado na Revista Trieb, vol. XII nº1 e 2 junho/dezembro 2013, p. 33-46.

<sup>2</sup> Médico psicanalista, membro efetivo com funções didáticas da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro, chefe do setor de Dermatologia Psicossomática do Instituto de Dermatologia Prof. Rubem David Azulay do Hospital Geral da Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro.

## Resumo

O autor examina a possibilidade de duas importantes mudanças na cultura ocidental, o desaparecimento do estigma sobre a homossexualidade e o fim da figura de autoridade, produzirem mudanças no desempenho das funções paterna e materna.

Com essa finalidade, recorre a estudos de diferentes áreas do conhecimento para embasar e especificar as definições psicanalíticas de vínculo, relação interpessoal e função, paterna e materna.

Termina o trabalho levantando algumas questões relacionadas com o tema discutido.

## Palavras chave

Psicanálise, vínculos básicos, função paterna, função materna.

## Abstract

The author examines the possibility of two important changes in occidental culture, the homosexuality's stigma and the authority's figure disappearance, to produce changes in the paternal and maternal functions.

Based on studies of different areas of the knowledge, the author specifies the psychoanalytic definitions of bond, interpersonal relation and paternal and maternal function.

The author finalizes the paper arising some questions about the theme in discussion.

## Keywords

Psychoanalysis, basic bonds, paternal function, maternal functions.

## Resumen

El autor examina la posibilidad de dos cambios importantes en la cultura occidental, el desaparecimiento del estigma sobre la homosexualidad y el fin de la figura de autoridad, produzcan modificaciones en el desempeño de las funciones paterna e materna.

Con esa finalidad, recurre a estudios de diferentes áreas del conocimiento para basarse y especificar las definiciones psicoanalíticas de vínculo, relación interpersonal y funciones paterna y materna.

Finalmente, concluye el trabajo formulando algunas cuestiones relacionadas al tema en tratado.

Palabras clave

Psicoanálisis, Vínculos básicos, función paterna e materna.

## Paternidade e função paterna

Partindo do princípio de que as modificações culturais imprimem mudanças sociais, institucionais e no comportamento das pessoas, este número da *Trieb* incita os psicanalistas ao exame do exercício contemporâneo da paternidade. Embora considere da maior importância o estudo psicossociológico sobre o que cada grupo humano, povo, etnia, sociedade, em cada época, privilegia o que deve ser passado à geração seguinte e a maneira disso ser feito, vou me ater exclusivamente à reflexão se, do ponto de vista psicanalítico, mudanças no exercício da paternidade estão ocorrendo. Creio que ainda não, mas poderão vir a acontecer. Nesse exame vou considerar apenas duas mudanças na cultura ocidental que marcaram o fim do século XX para esta parte da humanidade: o desaparecimento do estigma sobre a homossexualidade e o fim da figura de autoridade.

É inquestionável que o comportamento dos pais para com os filhos (e vice-versa) tem sofrido variações ao longo do tempo, marcadamente a partir de meados do século passado. Vários profissionais têm se debruçado sobre o que entendem por mudanças no exercício da paternidade (Silveira, 1998). Exercício da paternidade e função paterna são frequentemente confundidos gerando ambiguidades, contradições e paradoxos no convívio familiar, social e na compreensão psicológica de certos fenômenos clínicos. Pai, mãe e escola estão interligados na formação de pessoas, seres humanos, que ao contrário dos outros animais não nascem com todos os programas necessários para a vida adulta. Na verdade, não se pode dizer que estes nascem prontos. Diversas espécies, sem mencionar nossos companheiros primatas, apresentam diferentes níveis de aprendizado em relação à inserção e interação social, em relação à obtenção de alimentos e à segurança, mas nada comparado aos seres humanos (Lorenz, 1973).

Impactado pela frequência com que pessoas e grupos mantêm uma aparente indiferença diante de fragorosos paradoxos, contradições e ambiguidades com as respectivas e desastrosas consequências para o convívio,<sup>3</sup> em 1991 comecei a escrever crônicas de cunho psicanalítico, sempre a partir de experiências assistenciais nas quais esses elementos estavam presentes. Meu intuito tem sido sempre o mesmo: retirar o manto de alienação que alimenta tais paradoxos, contradições e ambiguidades.

---

<sup>3</sup> Paradoxos, ambiguidades e contradições, assim como acontece com conflitos e culpas, podem ser reprimidos (*verdrängung*), recusados (*verleugnung*) e rejeitados (*verwerfung*). Quando tornados inconscientes, podem nos dilacerar interiormente, por vezes ao ponto do rompimento com a realidade interna e, conseqüentemente, com a realidade externa (Tenenbaum, 2011).

Uma destas crônicas foi escrita a partir da constatação de que o sistema de saúde favorece o sofrimento e o adoecimento de seus profissionais (Tenenbaum, 1995). O atendimento a um paciente internado em um CTI me estimulou a examinar um dos paradoxos da prática assistencial: o salvamento de uma pessoa produzir sofrimento e desorganização na equipe assistencial. Sinais de desorganização grupal e sofrimento pessoal (absenteísmo, conflitos pessoais e institucionais e pedidos de transferência para outro setor) começaram a ser observados após o êxito da equipe em salvar e estabilizar uma vítima de um acidente quase fatal, quando precisaram tomar as providências para a transferência do paciente para uma clínica de apoio, que é para onde os pacientes sem recursos financeiros são encaminhados quando necessitam indefinidamente de assistência. Sabiam que, dificilmente, a vida dessa pessoa seria mantida sem os especialistas e os recursos tecnológicos necessários.

Além de abordar o paradoxo presente no fato do bem provocar o mal, a situação vivida por esta equipe também permitiu o exame de certas ambiguidades nos conceitos de ética e moral, que contribuem para uma concepção de que tudo é relativo. Se, ideias e conceitos devem ser sempre contextualizados para serem adequadamente compreendidos, então as concepções básicas sobre a vida humana também teriam prazo de validade tornando tudo relativo e dependente da época e do lugar.

A necessidade de figuras parentais para que o processo de humanização se instale e se desenvolva já foi exaustivamente estudada. A partir daí pretendo abordar o tema da paternidade, que encerra um conceito e uma função básica para a vida humana.

Como conceito, paternidade designa tanto a autoria de algo quanto um tipo de relação entre pessoas de gerações subsequentes, engendrando direitos, deveres e comportamentos, os quais corresponderão à maneira de desempenhar as atividades atribuídas aos pais e que delimitam como é ser pai em cada época. O exercício da paternidade sempre dependeu, e assim continua, do que a cultura, pressionada pela dinâmica social, valoriza em cada época.

Mas, paternidade também encerra uma função básica para a vida humana, fundamental para o desenvolvimento pessoal, independente da existência de um laço familiar. A consciência da importância dessa função imprime uma maneira de ser, de estar na vida, que abarca o compromisso com todas as gerações subsequentes e imprime um caráter humanista sobre os direitos, deveres e comportamentos para com os membros das gerações seguintes.

Coube à Psicanálise o mérito de ter iniciado a pesquisa sobre essa importante função e seu papel na constituição de um ser humano, oferecendo contribuições significativas ao estudo da psicologia e da psicopatologia do desenvolvimento humano. O exercício da paternidade não comporta necessariamente o desempenho da função paterna. O mesmo se dá com a maternidade e a função materna. Além da ausência, também pode ocorrer a situação em que o exercício da paternidade encerre uma função paterna comprometida (falha), às vezes corrompida (perversão), pelas características psicológicas daquele que deveria estabelecer o vínculo específico. As três situações costumam engendrar problemas no desenvolvimento psicológico daquele que precisa do vínculo para se desenvolver. No campo assistencial, psicanalistas têm dedicado suas vidas científicas à pesquisa sobre as possíveis relações entre as patologias dos vínculos básicos, as precariedades no funcionamento mental e o adoecimento, psicótico e psicossomático (Eksterman, 1975; Tenenbaum, 2009).

Lacan (1985) chamou a atenção para a função paterna, e o fez a partir de um caso de psicose, na verdade uma releitura do “Caso Schreber” publicado por Freud (1911/1977), na qual afirmou estar o desenvolvimento de uma psicose (funcional) relacionado com a ausência da função paterna no desenvolvimento infantil. Para esse autor, a introdução da relação triangular – com seu caráter edípico - pela figura paterna teria a função de interromper a díade mãe-bebê retirando a criança da dimensão do imaginário e introduzindo-a no universo simbólico. Na antropologia lacaniana, a humanização estaria na dependência da função paterna, que propiciaria a transformação do recém-nascido num ser com identidade sexual e inserido na cultura (universo simbólico) em que nasceu.

Pesquisando-se a literatura psicanalítica, podemos observar que o estudo das relações interpessoais e dos vínculos humanos tem sido bastante profícuo. Vários tipos foram descritos e, dependendo do aspecto realçado pelo autor, temos: vínculos primitivos, vínculos básicos (A. Eksterman), vínculo diádico, vínculo de apego (J. Bowlby), relação narcísica (S. Freud), relação pré-edípica (R. Brunswick), *primary love* (M. Balint), *rêverie* e vínculos K, H, L (W. R. Bion), *holding* (D. Winnicott), unidade básica (M. Little), relação mãe-bebê (M. Klein), simbiose (Bleger), *the need-satisfying object* (A. Freud), *the average expectable environment* (H. Hartmann), *extra-uterine matrix* (M. Mahler), *mediator of the environment* (R. Spitz), relação self-objetal (H. Kohut), relação especular e função paterna (J. Lacan).

Autores, como Bion (Grinberg et cols, 1973) e Pichon-Rivière (2000) esboçaram teorias sobre a função dos vínculos, mas este estudo ainda não foi devidamente sistematizado. Vínculo, relação e função continuam sendo utilizados quase como sinônimos, o que não são. Partindo-se do princípio de que vínculo designa uma experiência afetiva e que toda relação humana é formada por um elemento afetivo, que é o vínculo, e outro cognitivo, o interesse, pode-se afirmar que as relações humanas se constituem a partir dos vínculos construídos entre as pessoas e/ou a partir dos interesses que as unem.

A pesquisa psicanalítica evidenciou a existência de dois vínculos básicos, o diádico e o edípico, e, como diz Abram Eksterman em suas aulas de Psicologia do Desenvolvimento na Disciplina de Psicologia Médica das Faculdades de Medicina da UFRJ e da FESM, eles são fundamentais para se estabelecer e viver as situações de dependência e de confiança, para o desenvolvimento do sentimento de segurança e, no processo de separação-indivuação, a construção da identidade e do traquejo social. Esses desenvolvimentos são alcançados dentro das relações organizadas por esses vínculos, as relações diádica e edípica, cuja qualidade depende da competência psicológica do adulto em estabelecer o vínculo específico, o que tem sido denominado de função materna e paterna.

Por definição, a relação diádica é uma relação dual, isto é, sempre entre apenas duas pessoas e constituída pelo vínculo diádico, que a impregna com algumas características: é uma relação predominantemente afetiva, na qual um dos membros está voltado para as necessidades psicológicas do outro, e este nutre uma forte dependência do primeiro. Além disso, em muitos momentos a completa distinção entre as duas mentes não é observável. A experiência clínica mostra que algumas pessoas passam a vida procurando este tipo de relação para poderem, através delas, sentirem-se existindo. Dentre as relações terapêuticas, a psicanalítica tem um forte colorido diádico e quanto mais grave a patologia do doente, maior a necessidade do analista saber manejar essa característica da relação terapêutica.

A relação triangular, por outro lado, é aquela que se estabelece entre duas ou mais pessoas e sem a tal comunhão acima. Os interesses em jogo são mútuos, o colorido afetivo pode ou não predominar e as pessoas envolvidas se reconhecem como distintas. O vínculo edípico dá a esse tipo de relação características próprias, sendo a principal a interdição do erotismo sem exclusão da sexualidade, que no sentido psicanalítico corresponde a uma série de excitações e de atividades presentes desde a infância,

voltadas para o desenvolvimento da identidade de gênero, das experiências afetivas e do relacionamento humano em geral.

Tudo indica que a relação diádica é anterior à edípica, mas não se deve concluir que haja entre elas alguma hierarquia funcional ou algum tipo de evolução genético-temporal. Portanto, não podemos concordar com a afirmação lacaniana de que a função paterna é interromper a díade com a finalidade de permitir a continuidade do desenvolvimento mental. Provavelmente, esta concepção foi influenciada pela observação de determinados tipos de patologia dos vínculos básicos que são observadas em famílias de pacientes psicóticos, nas quais o estabelecimento de ambos os vínculos é ausente ou corrompido. O estudo sobre o tipo de escolha objetal de mulheres com sérias dificuldades em estabelecer o vínculo diádico poderá iluminar um pouco mais essa situação clínica.

A observação clínica mostra que tanto a ausência quanto a corrupção do vínculo diádico complicam o estabelecimento do vínculo edípico, mas ambos estão presentes durante toda a vida e têm funções bem distintas. Como Lacan, outros autores também relacionaram a psicose funcional com a presença de relações diádicas após determinada idade, confundindo a patologia da relação diádica com a própria relação diádica. Nesse sentido, o uso das denominações simbiótica, narcísica, parasitária etc. deveria ser limitado apenas às formas patológicas da relação diádica.

Da mesma maneira, deve-se ter cautela ao se relacionar a psicose ou qualquer outra patologia mental funcional com algum tipo de inacessibilidade ao universo simbólico. Não devemos confundir o desenvolvimento da afetividade com o desenvolvimento da cognição e a aquisição da linguagem com o desempenho em tarefas do tipo linguístico (Mehler, 1978). Embora estudos linguísticos, etológicos e psicológicos tenham demonstrado que o desenvolvimento da linguagem, pré-verbal e verbal, está relacionado ao ambiente, afetivo e cognitivo, da criança (Lorenz, 1973, 1993; Centro Royaumont Para Uma Ciência do Homem, 1978a), ainda não há consenso científico de que o surgimento da linguagem determinou o florescimento da cultura (Katz, 1978), como também ainda não está definitivamente estabelecido que a aquisição da linguagem e o acesso à cultura (universo simbólico) sejam atribuições dos vínculos básicos. Dessa forma, não há por que delimitar a relação diádica ao imaginário e a edípica ao simbólico.

Em trabalho anterior, acompanhei o exame do quadro clínico do *Senätpresident* Schreber realizado por Baumeyer, Katan, Niederland (Masota & Jinkis, 1972),

novamente por Niederland (1974, 1984), Schatzman (1986), Lothane (1992) e Santner (1997) para demonstrar que os delírios estavam completamente inseridos no universo cultural do paciente (Tenenbaum, 2011). Por outro lado, é inegável que este paciente, como muitos outros pacientes psicóticos, se utiliza da linguagem verbal de uma maneira peculiar devido à invasão do processo primário na consciência (Freud, 1901/1977), diretamente mobilizado por desejos e necessidades circunstanciais ou para preencher lacunas cognitivas (Eksterman, 1985).<sup>4</sup> A dificuldade que estes pacientes apresentam, por deficiência egóica, em transformar os fatos vividos em experiências existenciais (quase tudo é vivido como narcisicamente traumático) e a facilidade de penetração do processo primário de pensar na consciência imprimem o caráter aparentemente “concreto” ou “real” à maneira psicótica de se expressar. Mas, é dessa forma que esses pacientes transformam suas frustrações e fracassos em vitórias e conquistas delirantes (Tenenbaum, 2010). Adjetivar a linguagem como “concreta”, “real” ou mesmo “imaginária” é confundir linguagem com o uso que determinados pacientes fazem da linguagem verbal, o que cria mais um desses paradoxos – uma linguagem verbal não simbólica – um paradoxo gerador de ambiguidades e contradições na prática psicanalítica.

Todos os autores que se limitaram a examinar apenas o broto místico da enfermidade do *Senätpresident* Schreber, por ele próprio chamado de “período sagrado da doença” (Carone, 2010), foram unânimes em relacioná-lo com algum tipo de falha na função paterna. Lothane (1992) não incorreu nesse reducionismo clínico e examinou o quadro clínico em toda a sua evolução, nitidamente depressivo-melancólica. Desde “Luto e Melancolia” (Freud, 1913/1977) relaciona-se a doença depressiva à perda de um objeto narcisicamente escolhido. Sabe-se que uma das possíveis consequências de falhas na experiência diádica é o estabelecimento de um padrão de escolha narcísica de objeto, origem de relações narcísicas. Assim, temos que do ponto de vista do broto místico-paranoide, a doença estaria relacionada à função paterna e, do ponto de vista da evolução completa da doença, estaríamos diante de uma doença relacionada à função materna.

Lothane (1992) enfrenta este problema sem encontrar uma solução, tanto do ponto de vista do diagnóstico psiquiátrico quanto psicanalítico. Afinal, como este autor afirma, não é comum a ocorrência de um quadro clínico com sintomatologia e evolução

---

<sup>44</sup> A “forclusão do nome do pai” corresponde a uma lacuna cognitiva.

depressivo-melancólica apresentar um breve broto místico-paranoide, com a preservação do juízo crítico e remissão sintomatológica espontânea quase completa. Alguns psiquiatras diagnosticavam esses quadros de “esquizo-afetivos”. Creio que esses impasses teóricos decorrem do uso de nosologias baseadas em etiologias, não importa se fenomenológicas ou psicodinâmicas.

Casos como o do *Senätpresident* nos ensinam que, em se tratando de doenças mentais funcionais, precisamos renunciar ao raciocínio etiológico e compreender a psicodinâmica, a fenomenologia e a bioquímica em toda a sua complexidade. Lembrando mais uma vez o que Abram Eksterman ensina em suas aulas sobre psicologia do desenvolvimento, a função materna é responsável pela criação do espaço de segurança dentro do qual o mundo interior do filho(a) começa a se organizar e a função paterna, complementando a anterior, organiza o espaço social através da criação dos princípios norteadores das relações e papéis sociais. É da interação dessas duas funções que se desenvolve o ambiente psicológico dentro do qual a criança irá viver a sua vida, inserida em sua cultura e dentro de suas possibilidades inatas e constitucionais.

O fim da discriminação social sobre a homossexualidade e a conseqüente configuração de uma nova identidade de gênero, atualmente em processo de aquisição de direitos e deveres sociais, trouxe alívio para muitas pessoas, o que é bem-vindo. Mas, no nível individual, essa novidade encerra pelo menos um novo paradoxo: a expectativa de se conseguir estabilizar uma identidade de gênero sem o devido substrato orgânico.

Ciente de que ainda não se passou o tempo necessário para sabermos se a cultura será capaz de dispensar a biologia para a necessária legitimação desse processo, creio que não devemos nos furtar a enfrentar a questão se esta situação poderá ou não ter repercussões no desempenho das funções materna e paterna.

Os estudos etológicos relacionados com o nosso tema, principalmente sobre o *imprintig* e a construção do espaço de segurança (Lorenz, 1993), dão o substrato biológico para a função materna. O substrato filogenético foi fornecido por Gordon Childe (1961, 1966, 1981), o ilustre arqueólogo que em seus livros conseguiu historiar o período pré-histórico da humanidade e cujos achados arqueológicos relativos a essa época sugerem que a construção de ferramentas pelos primeiros hominídeos coletores/caçadores foi acompanhada pela divisão de trabalho e pela organização do convívio entre machos e fêmeas, na qual biologia era destino: homens faziam ferramentas, caçavam e protegiam; mulheres faziam utensílios para o transporte dos alimentos por elas coletados, cuidavam e transportavam a cria na vida nômade que

levavam. Conjectura-se se a média não seria de uma criança a cada quatro anos para viabilizar o transporte dos alimentos e filhos ao mesmo tempo e se os rituais filicidas existentes desde então não teriam um elemento de controle da natalidade. Há relatos de sepulturas dessa época com um esqueleto masculino e dois esqueletos femininos (Childe, 1966).

Neurocientistas tentam explicar por que as mulheres são, em geral, multitarefas, têm uma maior proximidade com a vida afetiva e apresentam uma capacidade inata de intimidade e comunicação não verbal com os recém-nascidos enquanto que os homens, em geral, são monotarefa, predominantemente lógicos, se localizam melhor no espaço e no tempo e têm um melhor traquejo social.

Esses elementos biológicos e antropológicos somados à experiência proveniente da clínica psicanalítica têm consolidado a hipótese entre os psicanalistas de que o desenvolvimento da experiência de dependência e da confiança, assim como a organização do mundo interior, associados ao vínculo diádico, seja estabelecido na relação mãe-bebê. E também que o estabelecimento da identidade de gênero e a aquisição da inserção e do traquejo social, desenvolvidos pelo vínculo edípico, sejam estabelecidos na relação pai-filho(a).

As concepções sobre masculino e feminino estiveram até há pouco ancoradas na biologia, mas nas últimas 4-5 décadas deixou de ser assim. Se acrescentarmos a isso o avanço da inserção social da mulher e o lento, talvez já inexorável, desaparecimento da figura de autoridade, tem-se um conjunto de modificações culturais que vem alterando o posicionamento de homens e mulheres nas relações afetivas e sociais, independentemente da identidade de gênero da pessoa estar ou não em harmonia com o seu gênero biológico.

Talvez as mudanças observadas na forma de expressão do sofrimento dos pais e das perturbações no desenvolvimento dos filhos tenham alguma relação com esse conjunto de modificações. Da queixa outrora frequente a respeito da rebeldia dos filhos, vemos hoje pais perplexos com o alheamento e a não inserção social dos filhos. Paralelamente, na clínica vemos a frequência cada vez maior de sintomas de despersonalização e de desrealização.

Levando-se em conta as possíveis variações individuais, e se tudo isso tiver relação com as características filogeneticamente transmitidas por cada sexo, as mulheres nasceriam com a capacidade para estabelecer um vínculo diádico e os homens, para estabelecer um vínculo edípico. Mas, se nada disso tiver relação com as características

inatas de cada sexo e for apenas culturalmente determinado, um homem pode adquirir a predominância afetiva assim como a mulher pode desenvolver a predominância lógico-formal.

Se biologia definitivamente deixar de ser destino e masculino e feminino não precisarem mais ter seus limites bem definidos, não será preciso ser um homem para exercer a função paterna. Também não será necessário pertencer ao sexo feminino para exercer a função materna. Apenas a gestação continuaria ancorada na biologia, mas até quando?

### Bibliografia

Baumeyer, F. (1972a) El caso Schreber. In Masota, O. & Jinkis, J (org). *Los casos de Sigmund Freud 2: El caso Schreber* (p. 09-40). Buenos Aires: Nueva Visión. (Trabalho original publicado em 1956)

Baumeyer, F. (1972b) Observaciones complementarias al trabajo de Freud sobre Schreber. In Masota, O. & Jinkis, J. (org) *Los casos de Sigmund Freud 2: El caso Schreber.*(p. 41-44) Buenos Aires: Nueva Visión. (Trabalho original publicado em 1970)

Carone, M. (trad) (2010) *Daniel Paul Schreber: Memórias de um doente dos nervos.* São Paulo: Paz e Terra.

Centro Royaumont Para Uma Ciência do Homem (1978a) *A Unidade do Homem. Invariantes Biológicos e Universais Culturais: Do Primata ao Homem. Continuidade e Rupturas.* São Paulo: Cultrix.

Centro Royaumont Para Uma Ciência do Homem (1978b) *A Unidade do Homem. Invariantes Biológicos e Universais Culturais: O Cérebro Humano e seus Universais.* São Paulo: Cultrix.

Centro Royaumont Para Uma Ciência do Homem (1978c) *A Unidade do Homem. Invariantes Biológicos e Universais Culturais: Para uma Antropologia Fundamental.* São Paulo: Cultrix.

Childe, V.G. (1961) *Evolução Social.* Rio de Janeiro: Zahar.

Childe, V.G. (1966) *O que Aconteceu na História.* Rio de Janeiro: Zahar.

Childe, V.G. (1981) *A Evolução Cultural do Homem.* 5ª edição. Rio de Janeiro: Zahar.

- Eksterman, A. (1975) *Psicanálise, Psicossomática e Medicina da Pessoa*. Relatório oficial apresentado no I Encontro Argentino-Brasileiro de Medicina psicossomática, Buenos Aires.
- Eksterman, A. (1985) *Lacunas Cognitivas no Processo Psicanalítico*. Trabalho apresentado no X Congresso Brasileiro de Psicanálise, Rio de Janeiro.
- Freud, S. (1977) A Interpretação dos Sonhos. In *S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Trad. J. Salomão. Vol. V. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1901).
- Freud, S. (1977) Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (*Dementia Paranoides*). In *S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Trad. J. Salomão. Vol. XII (p. 15-108). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1911).
- Freud, S. (1977) Luto e Melancolia. In *S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Trad. J. Salomão. Vol. XIV (p. 271-291). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1913).
- Grinberg, L; Sor, D. Bianchedi, E.T. (1973) *Introdução às Ideias de Bion*. Rio de Janeiro: Imago
- Katan, M. (1972) El delirio de Schreber acerca del fin del mundo. In Masota, O. & Jinkis, J. (org) (1972) *Los casos de Sigmund Freud 2: El caso Schreber* (p. 119-125). Buenos Aires: Nueva Visión. (Trabalho original publicado em 1949)
- Katan, M. (1972) Las alucinaciones de Schreber sobre los 'homúnculos'. In Masota, O. & Jinkis, J. (org) *Los casos de Sigmund Freud 2: El caso Schreber* (p. 126-132). Buenos Aires: Nueva Visión. (Trabalho original publicado em 1950).
- Katan M. (1972) Nuevas observaciones acerca de las alucinaciones de Schreber. In Masota, O. & Jinkis, J. (org) *Los casos de Sigmund Freud 2: El caso Schreber* (p. 155-162). Buenos Aires: Nueva Visión. (Trabalho original publicado em 1952).
- Katan, M. (1972) La fase prepsicótica de Schreber. In Masota, O. & Jinkis, J. (org) *Los casos de Sigmund Freud 2: El caso Schreber* (p. 133-154). Buenos Aires: Nueva Visión. (Trabalho original publicado em 1953).
- Katan, M. (1972) El más allá de Schreber. Su construcción (Aufbau) y su caída. In Masota, O. & Jinkis, J. (org) (1972) *Los casos de Sigmund Freud 2: El caso Schreber* (p. 45-118). Buenos Aires: Nueva Visión. (Trabalho original publicado em 1959).
- Lacan, J. (1985) *Livro 3. As Psicoses*. Rio de Janeiro: Zahar.

- Katz, S.H. (1978) Abertura Bioantropológica. Antropologia Social/Cultural e Biologia. In Centro Royaumont Para Uma Ciência do Homem. *A Unidade do Homem, vol. III - Para Uma Antropologia Fundamental* (p. 40-78). São Paulo: Cultrix.
- Lorenz, K (1978) *Behind the Mirror. A serch for a natural history of human knowledge*. New York: HBJ Book.
- Lorenz, K. (1993) *Os Fundamentos da Etologia*. São Paulo, Unesp.
- Lothane, Z. (1992) *In Defense of Schreber: Soul Murder and Psychiatry*. Hillsdale, New Jersey: Analytic Press.
- Mehler, J. (1978) A Propósito do Desenvolvimento Cognitivo. In Centro Royaumont Para Uma Ciência do Homem. *A Unidade do Homem, vol. II – O Cérebro Humano e seus Universais* (p. 23-35). São Paulo: Cultrix
- Niederland, W. G. (1972) Tres notas sobre el caso Schreber . In Masota, O. & Jinkis, J. (org) *Los casos de Sigmund Freud 2: El caso Schreber*. Buenos Aires: Nueva Visión. (Trabalho original publicado em 1951).
- Niederland, W. G. (1972) Schreber: padre e hijo. In Masota, O. & Jinkis, J. (org) *Los casos de Sigmund Freud 2: El caso Schreber* (p.177-196). Buenos Aires: Nueva Visión. (Trabalho original publicado em 1959a).
- Niederland, W. G. (1972) El mundo ‘milagroso’ de la infancia de Schreber. In Masota, O. & Jinkis, J. (org) *Los casos de Sigmund Freud 2: El caso Schreber* (p. 205-238). Buenos Aires: Nueva Visión. (Trabalho original publicado em 1959b).
- Niederland, W. G. (1972) El padre de Schreber. In Masota, O. & Jinkis, J. (org) *Los casos de Sigmund Freud 2: El caso Schreber* (p. 197-204). Buenos Aires: Nueva Visión. (Trabalho original publicado em 1960).
- Niederland, W. G. (1972) Nuevos datos y hechos importantes del caso. In Masota, O. & Jinkis, J. (org) *Los casos de Sigmund Freud 2: El caso Schreber* (p. 239-254). Buenos Aires: Nueva Visión. (Trabalho original publicado em 1963).
- Niederland, W. G. (1972) Schreber y Flechsig: Una contribución más al ‘núcleo de verdad’. In Masota, O. & Jinkis, J. (org) *Los casos de Sigmund Freud 2: El caso Schreber* (p. 255-263). Buenos Aires: Nueva Visión. (Trabalho original publicado em 1968).
- Niederland, W. G. (1972) The Schreber case: sixty years later. *International Journal of Psychiatry*, 10:79-84.
- Niederland, W.G. (1974) *The Schreber Case: Psychoanalytic Profile of a Paranoid Personality*. New York: Quadrangle.

- Niederland, W.G. (1984) *The Schreber Case: Psychoanalytic Profile of a Paranoid Personality: An Expanded Edition*. Hillsdale, New Jersey: Analytic Press.
- Pichon-Rivière, E (2000) *Teoria do Vínculo*. São Paulo: Martins Fontes
- Santner, E.L. (1997) *A Alemanha de Schreber: Uma história secreta da modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Schatzman, M. (1986) *El asesinato del alma: La persecución del niño en la familia autoritaria*. Mexico: Siglo XXI.
- Silveira, P (org) (1998) *Exercício da Paternidade*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Tenenbaum, D. (1995) Crônica de um Hospital Geral - Criando Monstros. *Revista Ide*, 26, 88-91.
- Tenenbaum, D. (2010) *Investigando Psicanaliticamente as Psicoses*, 2ª edição. Rio de Janeiro: Rubio.
- Tenenbaum, D. (2009) *Introdução às Patologia dos Vínculos*. Trabalho apresentado no XXII Congresso Brasileiro de Psicanálise, Rio de Janeiro.
- Tenenbaum, D. (2011) *O Caso Schreber – 100 anos depois*. Trabalho apresentado no XXIII Congresso Brasileiro de Psicanálise, Ribeirão Preto.